

# O CAVALO DE SOL, UMA ESCRITA VISCERAL

RONALDO CAGIANO<sup>1</sup>

ESCRITOR BRASILEIRO

**Resumo:** O romance, *O Cavalo de sol* (2022), descreve um ambiente burguês, rural e patriarcal do início do século XX construído à base de dramas, silêncios, desenganos, dilemas, amores, afetos, sexualidade e uma complexa problemática de gênero em que a mulher é sempre a presa e o homem o predador. Tudo ocorre na Casa da Cabeça de Cavalo, uma casa que se caracteriza por uma atmosfera enigmática, confusa e claustrofóbica, lugar onde Vitória, a protagonista da obra, vivia desde criança quando se mudou para lá depois da morte dos pais. Nesse tempo, ela tinha sido prometida em casamento ao primo Jerónimo. Constantemente manipulada por Jerónimo, ela transforma-se em seu brinquedo e trata de exercer sobre ela um poder dominador e narcísico. No entanto, Vitória que se caracteriza por uma atitude de transgressão a qualquer tipo de autoridade resiste à submissão que Jerónimo lhe quer impor. Montada no seu cavalo, ela percorre os campos onde o seu mundo não tem fronteiras e onde o controle sobre os seus movimentos, gestos e pensamentos não existe. O romance está dividido em quatro capítulos que seguem os movimentos do cavalo de Vitória: Passo, Trote, Galope e Salto. Finalmente, ela dá o Salto e liberta-se das amarras da repressão e da opressão que a prendiam à Casa da Cabeça de Cavalo, símbolo do patriarcado que não permite nem a autonomia ou a liberdade da mulher.

**Palavras-Chave:** patriarcado, poder, resistência, gênero, liberdade, transgressão, fronteiras

**Abstract:** The novel, *O Cavalo de sol* (2022), portrays a bourgeois, rural and patriarchal environment at the beginning of the XX century constructed on the basis of dramas, silences, deceptions, dilemmas, loves, affections, sexuality and a complex problematic of gender by which women were always the prey and the man the predators. Everything occurs in the

---

<sup>1</sup> Escritor brasileiro, é autor, dentre outros, de “Eles não moram mais aqui” (Contos, Prêmio Jabuti 2016) e “Arsenal de vertigens” (Poesia, Ed. Húmus, 2022). Reside em Portugal.  
Email: ronaldo.cagiano@hotmail.com

House of the Horse's Head, a house that personifies an enigmatic, confusing and claustrophobic atmosphere, a place where Vitória, the novel's protagonist, has lived since her childhood when she moved there after the death of her parents. At that time, she had been promised in marriage to her cousin Jerónimo. Constantly manipulated by him, she is transformed into his toy, and he tries to exert a dominant and narcissistic power over her. Nevertheless, Vitória who characterizes herself by a transgressive attitude in relation to any type of authority resists the submission that Jerónimo wants to impose on her. Mounted on her horse, she rides through the fields where her world does not have any frontiers and where the control over her movements, gestures and thoughts does not exist. The novel is divided into four chapters based on the movements of Vitória's horse: Walk, Trot, Gallop and Jump. Finally, she takes the Jump and frees herself from the chains of repression and oppression that tied her to The House of the Horse's Head, symbol of a patriarchy that did not allow a woman neither autonomy nor liberation.

**Key Words:** patriarchy, power, resistance, gender, liberty, transgression, frontiers

“*O Cavalo de sol*”, de Teolinda Gersão, que vem em boa hora ser reeditado pela Porto Editora, traz em seu escopo narrativo a preocupação com os dilemas dos relacionamentos amorosos e impulsos dos afetos e da sexualidade, aí embutidas suas contradições e impossibilidades, num tempo em que os tabus eram condicionamentos que interditavam a felicidade, sobretudo numa sociedade regida por uma moral burguesa como a retratada nesse recorte de uma família do início do século passado.

Nesse livro o texto fala mais por seus silêncios e insinuações do que pela linearidade de uma narrativa que coloque a nu as tensões que postula escandir. Como nunca (numa) sequência de palimpsestos, o contexto vai se deslindando pelo não dito, pela contemplação de um mundo não visível, mas intuído, quando as palavras não carecem de dizer tudo, mas a atmosfera e a ambientação, entre o enigmático e o claustrofóbico, como esfinges a serem decifradas, é que norteiam as pistas para o leitor, no cipoal de controvérsias que vão surgindo.

Enredando na trama entre os primos Jerónimo e Vitória, émulo de uma história que carrega outras histórias, o casamento que se anuncia no espaço de uma Casa, é nesse universo pequeno-burguês e patriarcal, movido por dogmas e sentimentos difusos, que a amada vai sendo consumida num joguete, entre marchas e contramarchas de Jerônimo, que parece nunca chegar ao deslinde da relação. Vitória se apresenta como o fetiche que ele vai

arrastando socialmente, num amor confuso, entremeadado de conflitos, transgressões ocultas e um erotismo camuflado numa sexualidade indefinida ou em desordem.

A história desenvolve-se num ritmo em que na harmonia entre forma e conteúdo, a simbologia dos movimentos do cavalo metaforiza-se nos capítulos – Passo, Trote, Galope, Salto – como se fossem a grande corrida numa disputa pela vida (ou contra a morte) ou as fases de um percurso no desconhecido, até o encontro com a fatalidade que a velocidade da emoção e os percalços dos desenganos vão determinar.

Essa história poder se passar nos ermos de qualquer país, tanto num Portugal às margens do Tejo ou no interior alentejano, como no nordeste de um Brasil profundo e arcaico, pois carrega em si mesma a mitologia e o inconsciente individual e coletivo imerso em totens e especulações existenciais atávicos ao ser humano. E nisso reside não só o seu caráter de universalidade por contemplar questões encontradiças nas relações humanas, familiares, sociais desde o princípio dos tempos, mas a humanidade que os fatos guardam entre si, por serem tributários de nossas próprias trajetórias, em que dramas e dilemas comunicam-se numa ancestralidade que atravessa a cultura e os engodos do patriarcado.

Vitória, que tem no cavalgar o prazer de seus próprios sentidos, o da busca, o da libertação dos guantes opressores que representariam o casamento compulsório com um primo. Sintomaticamente, esse cavalgar é indício do desejo de transgressão a uma autoridade, pois sobre a crina da insubmissão, a tentativa de escapar a conduz a territórios inexplorados. Órfã desde cedo, é absorvida na Casa da Cabeça de Cavalo, crescendo junto com o primo Jerônimo que, por implícito sortilégio é prometida ao casamento, vê-se ferida de morte em sua identidade e na autonomia como ser social e como mulher. Sorrateiramente, ela sabota essa imposição, reconhece-se afetada por ambiguidades insolúveis. É nas saídas para cavalgar que o poder dominador e narcísico de Jerônimo sobre ela é ameaçado, pois nas suas deambulações pelos campos o seu mundo imaginado não tem fronteiras, não há controle sobre seus pensamentos nem sobre seus gestos. Ela sabe que seus desejos e sonhos são a força propulsora de uma insubordinação redentora, pois o que mais sonha é poder “mergulhar no ribeiro, descer até ao fundo, e encontrar a cidade. Mesmo que tivesse de morrer por amor disso” (59). E não pode alcançá-lo sem romper com as pressões intrínsecas ou extrínsecas que a demovem de seu intento.

No horizonte da cidade ela vai alimentar seu desejo de alforria, e é fora da *Casa da Cabeça de Cavalo* onde pode promover a ruptura com velhos padrões: não quer mais ser objeto de manipulação nas mãos do primo, nem ser fera adestrada pelos seus caprichos; ou continuar inerte e apagada, ser violentada pela negação. Rejeitando o papel de caricatura da

vida que poderia ter sido e não foi, não compactua ser como aquele inseto fossilizado preso numa pedra de cristal, aquela que lhe foi oferecida como anel de noivado. Por isso cavalga. Confronta-se, não apenas digladiava-se com seus temperamentos que se chocam, mas com a realidade do entorno, onde outras figuras vão intercedendo nas relações, como o jovem Amaro, seu outro amor, que tem dissensões com Jerônimo. Este, por sua vez, mantém relações com a jovem Melícia, viúva e de comportamento reservado. Jerônimo caminha dividido entre o amor por Vitória e um afeto clandestino em relação a Amaro que, ao fim e ao cabo, será desvendado pela própria Vitória, ao reconhecer, em meio à confusão que nele habita, um embate esconso, um ser com uma neblina, animal acossado pela luz e presa de si mesmo e de seus instintos e preconceitos, “porque a tristeza fazia parte dele como uma ruga na fronte, uma ferida oculta em que ele jamais deixaria alguém tocar” (81).

No deslinde da história, ao fugir da opressão, como um Sísifo a carregar sempre a mesma pedra, num gesto de autoimolação como Prometeu acorrentado no terreno das emoções pantanosas, para fugir das imposturas de um cárcere psicológico e jogar-se na última arena que aguardava, quando o último movimento do cavalo ensaia o salto para a libertação, no desespero por desatar algemas e romper as amarras que o prendiam a um segredo que o desestabilizava, diz a narradora:

Incauto, no meio do outeiro, ele era a presa. Desprevenida e cercada. Porque era ela, e não ele, a caçadora – avançava inexorável como o sol, acirrava os seus próprios cães contra ele, e eles dilaceravam-no, e o seu corpo desmembrado era espalhado aos quatro ventos – mãos, pés, braços, sexo, cabeça, tronco, pedaços soltos, perdidos por valados e montes – ela lançava luz nos seus olhos e forçava-o a enfrentar o que ele nunca aceitaria ver – que detestava as mulheres e não queria nenhuma.

Por isso teria de morrer, soube. Ela avançava contra ele e trazia-lhe a morte, trazia-lhe a morte no instante em que o sol nascia.

Assim Amaro o viu: caído por terra, manchado pelo sangue do tiro que dispara contra si, os olhos voltados para o sol e abertos. (187)

E como tudo podia ser escandido a partir de uma frase que Jerônimo um dia, sentado à mesa, escreveu – “Toda a minha vida foi um equívoco” (173) – assim, em seu rompante alucinado, no último e avassalador gesto, culmina o salto sem trapézio sobre o

abismo – este é espelho de seu vazio existencial – e como se incorporasse as asas de Ícaro, o cavalo derrete-se sob o sol inclemente da verdade.

Eis um livro no qual a autora realiza uma tessitura do que é a própria vida entremeada no doméstico e no urbano, com suas contingências, condicionamentos e dissimulações. Uma história que em sua estrutura fragmentária é atravessada por recortes de cenários exteriores e expansões do espírito e do pensamento dos personagens, no contraponto entre luz e sombra, entre paradoxos e possibilidades muitas vezes arregimentados ao ritmo do fluxo de consciência e da memória. A linguagem que se instaura entre a leveza e a densidade, no apuro da forma e na decodificação de seus signos, vai traçar o perfil de uma vivência entre muros, numa Casa que é símbolo das lutas internas, da problematização das instabilidades interpessoais, de subjetividades conflagradas, onde as angústias íntimas são prementes, em que valores rígidos contrastam com desvios e instintos reprimidos, em que fantasmas e obsessões, antagonismos, contradições e ambivalências forjam um retalho de antíteses, de inviabilidades, de inadequações entre os seres em seus espaços geográfico e familiar, tudo caminhando para o desfecho numa ruptura trágica.

Nessa escrita visceral “*O cavalo de sol*” coloca-nos diante de uma autora que radicaliza não só sua reflexão sobre os destinos do ser em seu tempo e em seu lugar, com seus desejos, suas crises e seu desconforto, suas fissuras, escalonamento de valores e mimetismos morais que às vezes recusam a liberdade, mas também é uma escrita preocupada com a função da própria arte em tempos tão distópicos e disruptivos. E no seu empenho pela linguagem, podemos dizer que, entre o rigor técnico e o experimentalismo, renova e inova sem desprestigiar a tradição, confere a ela um estatuto primordial, elevando-a a um extremo virtuosismo. Teolinda provoca no leitor aquela sensação já descrita por Roland Barthes, para quem “A linguagem é como uma pele: com ela eu contacto os outros” (*Fragmentos de um discurso amoroso*, 34). “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz” (*O prazer do texto*, 50):

Somos alcançados pela sensibilidade criadora de Teolinda naquilo que ela empresta de mais impactante à linguagem, seja na clave intimista na arquitetura de uma trama, seja na formatação de seus processos criativos ou na inventividade propulsora de símbolos e metáforas. Pois transcende o mero registro ficcional, ultrapassa o requinte das enunciações e o flagrante dos detalhes do quotidiano social e minudências do humano ao transformar o trivial ou corriqueiro em alta literatura e em indagação metafísica. Na sua rigorosa oficina, na qual maneja com sofisticação os artefatos narrativos, com simplicidade e clareza persegue todas as possibilidades de comunicação da palavra. O que ressalta nessa gestação fecunda de

sua lavratura é que não há contradição, mas uma profunda simbiose entre o dionisíaco e o apolíneo na sua escritura, na sua dialética criadora: o prazer e a emoção que nasce da sua engenharia textual sob o influxo do próprio caos subjacentes às percepções ou experiências sensoriais, funde-se com a racionalidade de uma consciência ética e estética do próprio ato criador, uma necessidade ontológica de explicitar o que está submerso não no mundo do real e aparente, mas nos subterrâneos dos sentidos. Na beleza do que Teolinda cria emerge a responsabilidade de um texto que também é um compromisso com a verdade, seja ela pessoal ou social, do qual a literatura é tributária da imanência das ideias.

E a autora, na força gravitacional de suas histórias, ao dar voz aos sentimentos acutilantes de seus personagens, à espessura de suas angústias, no vigor exploratório de tantos mundos lúdicos ou oníricos, de outros cenários, conflitos, dores & delícias, esse prisma de inquietações que contornam o terreno subjetivo das escrevivências – seja no seu interior ou na alma de suas criaturas e protagonistas – realiza aquilo que sempre estamos a prospectar, no vórtice do insondável, no iceberg de nossas mais esconsas perplexidades, lançando suas bateias no garimpo desse imenso aluvião que é inconsciente e o imaginário, reduto para um olhar transcriador.

Vale assinalar que Teolinda Gersão, não só em ‘Cavalo de sol’, mas em sua multifacética bibliografia, escreveu livros amalgamados por uma intrínseca, exuberante e cristalina torrencialidade poética, em que percebe-se uma incessante busca, não de resposta aos contenciosos humanos ou passivos da realidade, mas à formulação de novos questionamentos, está a nos dizer, na mesma direção do que referiu-se Lacan em seu Seminário 20: “Escrevo a partir do que não pode ser escrito” (82). Essa é a energia vital que confere à sua literatura pertencer à linhagem de verdadeira obra de arte.

## **Obras citadas**

Barthes, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

---. *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1987.

Gersão, Teolinda. *O cavalo de sol*. Porto, Porto Editora, 2022.

Lacan, Jacques. *O seminário. Livro 20*. Traduzido por MD Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1975.